AS RUPTURAS E DIÁLOGOS DE SAYYID QUTB COM O FUNDAMENTALISMO E O LEGADO FILOSÓFICO ISLÂMICO

Luisa Pastorini de Castro (PIC/UEM), Prof. Dr. José Henrique Rollo Gonçalves (Orientador/UEM). E-mail: luisapastorinidecastro@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento: Ciências Humanas, História, História moderna e contemporânea.
Palavras-chave: Pensamento islâmico contemporâneo; Irmandade muçulmana; Decolonialidade.

RESUMO

No século XX, as ideias de Sayyid Qutb (1906-1966) ganharam notoriedade por aqueles apoiadores de um reviver do Islam como norteador político para lidar com os problemas da modernidade. Essa pesquisa teve como objetivo compreender as obras de Qutb com suas rupturas (ressignificações e interpretações) e continuidades em relação ao legado filosófico islâmico, como Al-Afghani e Hassan al-Banna. A pesquisa foi aprofundada sobre o lugar da religião na modernidade; a construção do Islam enquanto epistemologia, além da posição do Islam para a crítica à colonialidade. Para tal, foram empregados os paradigmas da perspectiva decolonial para uma análise histórico-discursiva do legado filosófico islâmico dentro das obras de Sayyid Qutb: *Maʿālim fī aṭ Ṭarīq* (Marcos); *Adalah al-ijtima iyah fi al- islam* (Justiça Social no Islam) e *Khasais Altasawor al islami w mokwmato* (O conceito islâmico e suas características). Assim, a pesquisa possibilitou um resultado de uma ampla rede de conexões presentes no discurso de Sayyid Qutb, seja com seus pretextos salafistas; seu diálogo com o reformismo islâmico e sua crítica ao sistema ocidental. Concluindo que longe de seu discurso se enquadrar em um movimento “retrógado”; “extremista” ou carente de uma estruturação filosófica complexa (como parte da historiografia postulou), é possível compreendê-lo como uma grande formulação teórica e política atual às dificuldades dos países muçulmanos e necessária ante o desenvolver do legado filosófico islâmico. Entendendo que a chave para a independência completa, referida por Qutb, é a questão epistemológica.

INTRODUÇÃO

A tese do “fim da História” sintetizada, em 1989, pelo norte-americano Francis Fukuyama, expunha a vontade do discurso ocidental, perante o fim do “bloco

socialista", em afirmar sua suposta hegemonia mundial. As contradições humanas se encontrariam cessadas com o mundo em perfeita harmonia diante a ascensão do modelo democrático liberal e do sistema capitalista, gerando o declínio do considerado "tradicional", "arcaico" e "antimoderno".

Tal falácia ocidental, com raízes anteriores a 1989, além de buscar a ocultação de seu anseio pelo domínio imperialista por meio da monopolização do discurso sobre o futuro, também categorizou e menosprezou as demais investidas de construção filosófica e política de uma existência fora das categorias ocidentais de compreensão. O "arcaico"; o "tradicional"; o "radical religioso"; o "antimoderno", se tornaram apenas substantivos vagos para classificar o "outro" e, automaticamente, inviabilizar suas narrativas sobre seu povo, seu país e seu futuro como impossíveis de serem realizadas, ou mesmo, não existentes, pelo não enquadramento nas categorias do "progresso", da "modernidade" e do "correto", postuladas pelos hegemônicos ocidentais.

Assim, o século XX, no Egito, foi um momento de grandes tensões políticas, rupturas e alianças entre estudiosos e grupos políticos em um contexto de fomentação de elementos constituidores de uma identidade nacional paralelo à questão de como lidar com a influência europeia, mesmo após a declaração de independência.

O trabalho direciona o estudo para o filósofo Sayyid Qutb (1906-1966) a fim de compreender a estruturação teórica e conceitual do chamado islâmico no século XX. Abordando por meio das obras: *Maʿālim fī aṭ Ṭarīq* ("Marcos"); *Adalah al-ijtima iyah fi al- islam* ("Justiça Social no Islam") e *Khasais Altasawor al islami w mokwmato* ("O conceito islâmico e suas características"), suas visões quanto à configuração de um bom comportamento moral e religioso, um bom Estado e o direcionamento de uma revolução para atingir tais fins. O trabalho buscou compreender como Qutb, ao trabalhar por meio da *turat* (legado cultural), dialoga com diversos outros pensadores, como Hassan al-Banna; Abul Ala Maududi; Jamal al-Din al-Afghani e Muhammad Rashid Rida, que buscaram na tradição filosófica e religiosa respostas aos problemas contemporâneos de ordem moral, política e epistemológica.

Para uma abordagem compreensiva da questão foi necessário o uso da perspectiva decolonial para uma análise histórico-discursiva dos escritos de Qutb. Tendo o discurso religioso como uma possibilidade aberta e alternativa para compreender a luta e os anseios por libertação de populações colonizadas, abandonando a premissa eurocêntrica da separação inevitável entre religião e política na modernidade e do cunho salvador dos discursos eurocêntricos políticos e epistemológicos.

REVISÃO DE LITERATURA

Começando pelo referencial teórico, Mignolo (2008) traz contribuições da necessidade de uma desobediência epistêmica como essencial se quisermos nos desvincular dos fundamentos de conceitos ocidentais e procurar uma identidade em política de pessoas, línguas, religiões e conceitos. Para compreender de forma interna a subjetividade dos que foram racializados, permitindo construir uma nova memória a partir da análise do pensamento em uma posição subalterna.

O trabalho buscou questionar a bibliografia pouco relacionada com os parâmetros da decolonialidade e que apresentou discussões mais rasas quanto à significação dos referenciais internos do discurso islamista. Concentrando uma análise, muitas vezes, na sua relação (no caso, na crítica e rejeição dos islamitas) aos parâmetros eurocêntricos envolvendo religião e política. Classificando, assim, islamistas como Sayyid Qutb enquanto "radicais"; "fruto da crise do desenvolvimento"; "uma epifania que une sagrado e profano"; "dotados de desejo pela volta ao passado"; "instrumentalizadores do Islam" e de "ideais ortodoxos" em meio a uma "disputa medieval". Caso de textos como de Oliveira (2015) e Sivan e Merino (1997).

As referências de apoio seguem com Crooke (2009) e Sabet (2008). Crooke (2009) aborda como os islamistas enxergam no ocidente a distorção da visão de humano e da sociedade, especialmente pelo materialismo, a desunião e o antagonismo posto entre homem/divino e a mudança constante de parâmetros coletivos de sociedade. Assim, o movimento de resistência seria colocado como redescobridor de uma nova confiança, por meio da reinvestida na racionalidade do Islam. Assim, os valores, ideias e crenças não estariam no patamar de mero guia moral, mas institucionalizados como uma tomada de decisão determinante na ausência de um equilíbrio na situação pós-colonial (Sabet, 2008). De forma que o Islam enquanto desafio sobre a estrutura identitária, possuiria, com os valores islâmicos, parâmetros necessários para questionar conceitos universais, como a verdade do secularismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazendo a discussão para a análise de um discurso islâmico egípcio, seria necessária uma desvinculação das certezas conceituais sobre "modernidade", "religião" e "política". Possibilitando um estudo a partir dos referenciais internos, utilizados por Qutb, como soberania *(al- Hakimiyyah*), servidão (*al- Ubudiyyah*), universalidade (*al- Kawniyyah*), racionalidade (*aqlaniyyah*) e unicidade (*al- Tawhid*). Dotando de legitimidade discursiva os sentidos utilizados por Qutb e compreendendo, assim, o discurso reformista islâmico não como o "retrógado" ou

"extremista" apenas por não se relacionar com os referenciais europeus, mas enquanto proposições legitimas que revelam necessidades subalternas e uma construção de sentido existencial fora das verdades europeias.

CONCLUSÕES

O trabalho sobre o discurso de Qutb o concebeu enquanto um filósofo engajado em pavimentar o melhor caminho em meio crescente da perda de credibilidade do sistema e pensamento ocidental clássico, também se afastando do "Islam colonizado" receptivo aos ideais da primazia da ciência, da razão humana e do materialismo. Sua teoria da decadência atesta a necessidade material e escatológica da construção do Islam enquanto sistema de vida, ou seja, cujos ideais, conceitos, percepções sejam conduzidos por um renovado olhar sobre as bases corânicas. Criticando, assim, a amplitude dos conceitos soberania, liberdade e progresso dentro do pensamento ocidental.

REFERÊNCIAS

CROOKE, A. **Resistance:** the essence of the Islamist revolution. New York: Pluto Press, 2009.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

OLIVEIRA, A. S. Nação islâmica e nacionalismo no Islã político. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 14, 2015.

SABET, A. G. E. **Islam and the political:** theory, governance and international relations. London: Pluto Press, 2008

SIVAN, E; MERINO, I. **El islam radical**: teología medieval, política moderna. Barcelona: Bellaterra, 1997.